

# de Sol a Sol

## A querela das gerações

O nosso colega «O Diabo» empreendeu um interessante inquérito acêrca do que pensam as pessoas de mais de 40 anos das que ainda não fizeram 30. Algumas vozes autorizadas têm respondido em termos cheios de dignidade, de bonomia ou de lirismo, consoante os temperamentos dos interrogados.

Um depoimento—o do sr. dr. António Viana—sofreu ultimamente a impugnação de gente nova, tanta incompreensão e caturrice o caracterizavam. Outro, porém,—do sr. dr. João de Deus Ramos—passou quasi despercebido, não sabemos se pela dose de irresponsabilidade que o enchia de ponta a ponta, se pela dificuldade de se lhe descortinarem as intenções. Era sob um único aspecto—o da poesia—que o sr. dr. Ramos dizia encarar o assunto, lembrando que «havia dantes um motivo de enlévo e de atracção para os espiritos enamorados: a candura, o pudor na mulher», etc. «Hoje êsse predicado—continua o depoente—subsiste ainda; mas de tal maneira que mais parece uma revivescência do velho romantismo, condenado ao ridículo». E depois de verberar o uso das tintas com um adorável trocadilho, como quem não quere a coisa o sr. dr. Ramos cita «entre os poetas modernos, um» que «se tem destacado aos olhos da critica», e dêle transcreve uns versos que, ou não têm nada que ver com o que diz acima acêrca da atracção que para os «espiritos enamorados» de outrora exercia o pudor da mulher, etc., e nêsse caso o depoimento não tem significação alguma, ou foram propositadamente escolhidos pelo assunto (de que o depoente finge afastar-nos) e envolvem uma intenção que não será demais alcinhar-se de pérfida. Ora nós chamamos a atenção para o facto apenas com o fim de fazermos um esclarecimento-zinho: o poeta citado é o sr. António Boto, que tem mais de 40 anos, e por consequência não pode ser apresentado como representante da geração dos de menos de 30, nem pelos assuntos da sua poesia, nem pelo ritmo, nem por nada. Se o sr. dr. Ramos se der ao trabalho de ler alguns poetas modernos de menos de 30 anos, é possível que lá encon-

tre o culto da mulher, ainda que assaz diferente da maneira porque o entenderam os nossos avós. A mulher deixou de ser divina e passou a ser humana—o que nos parece uma forma de a engrandecer. E se os versos modernos se ocupam de outros assuntos, que não só do culto da mulher, é porque o poeta de hoje, voltado para a vida que nos oferece tantos e tão dramáticos aspectos, se começa a sentir mais homem.

## Duas raças

Julien Benda é um dos mais «puros» componentes da chamada vulgarmente «élite intelectual» e, por isso mesmo, um inteligente e hábil manobrador de palavras e raciocínios que, em geral, se afastam da vida, pois que esta se não molda pelas abstracções dos «intelectuais puros» mas, antes pelo contrário, com as suas realidades brutais e dolorosas, as mais das vezes, lhes dá um claro e enérgico desmentido.

No entanto, Julien Benda é, por vezes, duma felicidade rara na maneira de encarar e observar essa complexa realidade. Como exemplo, traduzimos as linhas seguintes do seu penúltimo livro «Precisão», livro onde nos parece fácil encontrar a confirmação do que acima dissemos sobre o duplo aspecto do pensamento dêste illustre escritor:

«Lê-se que há famílias que vivem aos sete num espaço de três metros quadrados, estão cobertas de vérmina, morrem de tísica, de frio, de fome.

«Duas reacções. Súbitas. Como animais.

«Pedro indigna-se. Os seus instintos de humanidade e de justiça possuem-no completamente, afastando todos os outros.

«Paulo não sente revolta alguma, mas sim satisfação: E' preciso que a maioria sofra para que alguns gozem. E' a condição das sociedades. Tudo está bem.

«Não há compromisso possível entre êstes dois homens. Um aniquilará o outro.»

## O Sr. Marialva, o Yoga, a Serpente Mosaica, o Mistério Asiático, etc.

Quem não tem que fazer faz, em geral, colheres. O Sr. Marialva, êsse faz Conferên-

cias pelo Rádio Eddystone, no Funchal. *Yoga, a Serpente Mosaica, Chave Simbólica, Citaredo, o diabo...*

O Sr. Marialva é tremendo. Simplesmente, caro Sr. Marialva, tudo isso passou à história. As proezas dos *bhikon*, as façanhas dos «peregrinos magistas», dos «fakires», etc., estão hoje conhecidas e explicadas; e ainda, recentemente, uma demonstração pública foi feita, em Paris, explicando êstes *trucs*, demonstração em que o público foi convidado a repetir tais habilidades, sob a direcção dos demonstradores. Um artigo e fotografia sobre esta demonstração foi publicada na «Illustration».

O «magnetismo transcendental»... Ora valha-nos Nossa Senhora das Candeias, Sr. Marialva. Nós também sabemos fazer disso; um nosso amigo indio iniciou-nos já nos *trucs* dessa patuscada...

Mas o número dos papalvos é inexgotável, como o prova o êxito constante do famoso Conto do Vigário...

## Sume-te, sr. Pimenta

Ora vê, amigo leitor, o que diz o famoso Sr. Alfredo Pimenta in «Factos Sociais», Ensaio de Filosofia Crítica: «Conseguimos libertar-nos das peias metafísicas e teológicas de uma educação atrasada e de uma instrução indisciplinada...»

«Não nos corrompeu a dissolução monárquica, nem nos atrofiou o preconceito religioso». «Mas é indiscutível que a forma republicana se impõe como a única solução. A Península vai atrás de quasi tôdas as outras nações da Europa na marcha da civilização. Ela, que teve a sua glória, precisa de libertar-se das perniciosas influências da Igreja e do cancro dinástico que a ró!».

Credo, Sr. Pimenta, até pode cair um raio!...

## As sistoles e diástoles do «Século»

Há dois anos que o «Século» padece de curiosa doença.

Sistoles e diástoles anormais. Títulos cujas letras au-

mentam, aumentam, até occupar tôda a primeira página, em cabeçalhos teatraes, depois diminuem, diminuem, passando emfim para a 3.<sup>a</sup> ou 4.<sup>a</sup> páginas... Aleluias, bombásticas explosões de entusiasmo, seguidas de amuos encolhidos; euforia e depressão cíclicas...

...Coitadinho do «Século!» O excelente colosso deve estar esgotado, exausto de emoções nervosas, de esperanças desiludidas...

Coitadinho do «Século!» O «magnifico órgão», assim, neurasteniza-se, pela certa, cai em depressão melancólica, e terá de recolher a uma Casa de Saúde, onde permanecerá, murmurando um estribilho qualquer a um canto...

## A história do Burro-Pintor...

Recordemo-la.

Um dia, em Paris, um grupo de rapins do Bairro Latino, fatigado de elogios hiperbólicos dos Criticos, lembrou-se do seguinte:

Arranjou um Burro complacente—um Burro autêntico com orelhas, rabo e tudo—e atou-lhe ao rabo um grande pincel. Untou o pincel com várias côres, poz o Burro diante de uma tela, e picou o Burro, para o estimular. O gericco começou dando ao rabo, que, armado de pincel, começou zebrando a tela...

...Depois foi a tela zebrada pelo rabo do Burro-Pintor enviada a uma Exposição transcendente, querida dos Criticos-Inefáveis...

Sensation! Formidable! E'patant! Artigos fantásticos, hiperbólicos, apontando ao público basbaque as transcendências-ultra dos arqui-requintes de uma arte inefável... Tudo isto com muitos Ah! Oh! e muitos pontinhos...

Vai então a «Illustration»—sim, leitor, a conspícua «Illustration»—publica, occupando tôda a página central, a fotografia do Burro-Pintor no acto de zebrar a famosa tela, rodeado dos autores da façanha, cujas assinaturas devidamente autenticadas acompanhavam a gravura...

Escândalo!... Critica Inefável embuchada; consternação!...

Também, entre nós, alguns senhores há que poderão enterrar a carapuça, arriscados, como estão, a qualquer partida do Burro-Pintor...